

Homilia do dia 11/08

Romaria Fluvial – Parintins – AM **Dom Giuliano Frigeni, Arcebispo de Parintins**

A grandeza de Deus é invisível aos nossos olhos e aprendemos a reconhecê-la graças à inteligência que Ele nos deu, isto é, a capacidade de ler a realidade que Ele criou, a manifestação da Sua beleza, grandeza, bondade e aquilo que todos os homens contemplam quando são livres de preconceitos diante da extraordinária obra da criação a serviço do homem, porque todas as criaturas servem ao homem, e o homem se serve destas criaturas para buscar não uma riqueza, não um poder, mas o autor desta criação. E esse caminho é muito difícil para alguém percorrer sozinho. Deus escolheu um homem — ouvimos na primeira leitura —, a quem pediu para ser o início de um povo capaz de aceitar a revelação d'Ele além da criação e se tornar um homem cuja descendência e história iriam revelar o quanto este Deus estava interessado em abençoar a Sua criatura preferida, a Sua obra-prima, que somos nós, criaturas mais frágeis, que precisamos de tudo aquilo que Ele criou — as estrelas, as constelações, o ar, a água, o barro, o ferro, o ouro... Nós somos feitos de centenas e milhares de elementos, sem os quais não poderíamos existir.

Porém, dentro de nós Deus colocou a alma, isto é, o instrumento capaz de ouvir, de entender, de amar, de perceber o que Ele deseja de nós. E Abraão foi o primeiro a encontrar em sua breve história — breve para nós que temos a Bíblia, mas longa para aqueles que viveram décadas e décadas esperando o cumprimento dessa promessa — esse sacerdote que

lhe ofereceu misteriosamente pão e vinho. Isso há quatro mil anos. Esse sacerdote abençoou Abraão, homem de fé, que lhe deu como recompensa o dízimo de tudo aquilo que ele havia antecipado. Assim, ele é a grande experiência da Eucaristia, quem nos ensinou a repartir com os outros os dons que recebemos. Jesus não nos deu alguma coisa, Jesus, na Eucaristia, chegou a entregar totalmente a Si mesmo. E, a partir dessa entrega total de Si, como disse São Paulo na leitura aos Coríntios, nós transmitimos aos outros aquilo que recebemos. A fé católica não é uma invenção de um papa, de um bispo, de um santo... não. A fé católica é fruto da mais fiel tradição. A palavra “tradição” vem do latim *traditio*, que significa “entregar”. Na noite em que Judas pensou em entregar Jesus aos Seus inimigos, Jesus se antecipou, pois Ele quis se entregar antes aos amigos. “Desejei comer esta páscoa com vocês. Tomai e comei, este é o meu corpo. Tomai e bebei, este é o cálice da nova e eterna aliança, do sangue, da aliança.” É a entrega total de um amor que nós não conhecíamos; o conhecemos naquela Sexta-Feira Santa, antecipado na Eucaristia da Quinta-Feira Santa. Por isso é que Ele escolheu homens misteriosos como Melquisedec, homens que carregassem a responsabilidade de fazer acontecer a cada dia ao longo da história da transformação das nossas ofertas no corpo e no sangue d’Ele. Sem a Eucaristia, cada um de nós seria um pensador, um homem, uma mulher religiosa. Cada um de nós iria criar o seu grupo de oração, seu grupo de louvor, de compromisso. Cada um de nós iria fazer a sua igreja segundo as características que mais gosta. Mas nós sabemos que, sem a Eucaristia, nós não estamos diante da Igreja que Cristo quis.

No Concílio Vaticano II, nós ouvimos esta expressão belíssima: “A Eucaristia faz a Igreja, e a Igreja celebra a Euca-

ristia e faz acontecer a comunhão entre nós e Cristo, entre nós e o Pai, entre nós e todos aqueles que vivem conosco a mesma fé ou que buscam encontrar um sentido na vida, como aqueles que vimos no Evangelho, que iam atrás de Jesus porque nunca haviam escutado um homem falar daquele jeito, nunca haviam visto tanta bondade, tanta singeleza, tanta simplicidade, tanta pureza, tanta verdade, tanta autoridade que não esmagava, mas que construía quem O escutava”. E Jesus sentiu compaixão dessa multidão que O procurava somente fascinada por aquilo que dizia, e Ele pensou, naquele dia, em alimentá-los, fazer com que a palavra que alimentava o espírito, a alma e a inteligência deles se tornasse depois um alimento que unisse as pessoas que escutavam a Sua palavra, a palavra que se fez carne, que se fez corpo.

E, assim, nós católicos do mundo inteiro, graças à Eucaristia, somos uma só igreja. Dessa mesma palavra que gera centenas de milhares de fiéis com dons diferentes, não existe limites aos dons do Espírito Santo, mas todos eles estão reunidos como fonte, como alimentação, como critério da Eucaristia. Todos os dons estão a serviço da união com o corpo de Cristo. O dom de ensinar, de curar, de visitar os doentes, o dom das várias obras de misericórdia que o papa Francisco nos lembrou neste ano jubilar.

A Eucaristia é aquele sacramento, aquela maneira de Deus de agir dentro da História que desafia todas as pretensões humanas de construir a unidade entre os homens a partir ou de um discurso ou de uma luta, ou de uma ideologia, ou de instrumentos que o homem inventa, poderosíssimos, como estes que estamos usando — a televisão, o rádio, a internet —, mas nós sabemos que a unidade entre nós acontece graças à humildade de Deus, que se escondeu aqui não somente em Sua divindade, como aconteceu no ventre

de Maria, no filho de Maria. Porém, aqui também escolheu a Sua humanidade, como São Tomás de Aquino nos ensina: “Mesmo não vendo nem a sua divindade nem a sua humanidade, nós acreditamos na divindade, assim como na sua humanidade, graças àquilo que ouvimos, que recebemos, que nos foi transmitido e que transmitimos”. Não há uma transferência sem uma transformação. Quanto mais nós vivenciamos a Eucaristia, quanto mais nós encontramos cada dia ou cada semana um tempo para estarmos diante de Jesus na Eucaristia, mais Ele nos transforma em homens e mulheres capazes de repartir os dons que Deus distribuiu em Sua Igreja e assim atrair a Cristo pela beleza da partilha, reconhecer n’Ele, no repartir do pão, no repartir dos dons, dos bens, do amor, da fraternidade. É a grande missão que foi iniciada há 400 anos pelos missionários em Belém, que entraram, através desta cidade, na grande Amazônia. Nós somos frutos dessa história, nós já temos dentro da nossa Amazônia dezenas e centenas de Padres como fruto das nossas comunidades, das nossas famílias, e precisamos neste mês vocacional rezar sobretudo pelos nossos sacerdotes, pelas nossas famílias, que se tornem famílias capazes de gerar missionários, casais cristãos, religiosos, religiosas, catequistas, leigos que se comprometam com a transformação do mundo, sendo sinal do Reino de Deus que acontece em todos os campos do saber, do trabalho, da política, da economia, da arte.

Enquanto adorávamos o Santíssimo rezando o terço acompanhado pela delicadeza e a ternura de Maria, atrás de mim, no banco, havia um menino de 8 anos que rezava o terço de maneira magnífica. Perguntei a ele: “Quem te ensinou?”. “A minha vovó, quando era pequeno”, respondeu. Então indaguei: “Mas quantos anos tu tens?”. “Oito”, disse-me. Então quando era pequeno a *vovó* lhe ensinou. E ele me disse

que já sabia o que iria fazer. Então perguntei: “Como? Como é que é o teu nome?”. Ele respondeu: “É Mateus e eu quero ser padre”. Então olhe o que acontece dentro e na vida das famílias que não esperam os filhos crescerem e estudarem todas as religiões, lerem toda a Bíblia. Nós precisamos transmitir os gestos mais simples que nos fazem entender a grandeza de um Deus que se escondeu na Eucaristia para chegar aos pequenos, aos humildes, que, se tiverem um coração aberto, irão se tornar missionários, como tantos missionários que nestes 400 anos nos deram a graça de termos tantas prelaças, tantas dioceses, nesta imensa Amazônia. Amém.

